

ÁREA TEMÁTICA: EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO

EMPREENDEDORISMO POR NECESSIDADE REGIONAL

AUTORES

MÁRCIO CÉO DOS SANTOS

Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS
macceo@ig.com.br

ANTONIO CARLOS GIL

Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS
acgil@uol.com.br

Resumo

Este trabalho é produto de pesquisa exploratória, que tem como objetivo verificar percepções de empreendedores da cidade de Itabuna (BA) em relação à crise cacaujeira, à sua gravidade, às suas causas, às mudanças que aí se operaram e às alternativas preconizadas para sua solução. Os dados foram obtidos mediante depoimentos pessoais, instrumento ainda pouco utilizado em pesquisas sobre empreendedorismo, mas que se mostram úteis para o entendimento do fenômeno empreendedor do ponto de vista dos próprios atores. Assim, foram obtidos depoimentos de sete empreendedores estabelecidos nessa cidade. Os depoimentos foram obtidos com mínima intervenção dos pesquisadores; o que se mostrou interessante para possibilitar a identificação de categorias originadas da própria vivência e percepções dos participantes. Constatou-se a importante influência da família na determinação do perfil empreendedor, o que pôde ser reconhecido como decisivo tanto para a decisão de empreender como para se manter no negócio após o advento da crise. Os empreendedores percebem a passagem da base agrícola da monocultura do cacau para a pecuária e a vêem como fator determinante na alteração das relações de emprego e até mesmo da condição física das fazendas, com a derrubada das plantações e da mata atlântica local. Os empreendedores percebem a gravidade da crise, mas tendem a associá-la quase que exclusivamente à monocultura agrícola, desconsiderando a influência do processo de globalização na economia nacional. Também associam à crise cacaujeira o desemprego crescente, o êxodo para a cidade, a deterioração dos serviços urbanos e o aumento da criminalidade. Reconhecem que nem todos os empresários teriam tido habilidades suficientes que por isso sucumbiram à crise, cedendo espaço a novos empreendedores forasteiros. Também reconhecem como entrave à retomada econômica o descrédito do poder público e das instituições classistas, bem como o perfil individualista dos empreendedores locais. Percebem também as transformações no contexto urbano, como novos investimentos de empreendedores forasteiros e reconhecem a necessidade de inovação para que os empresários locais se mantenham competitivos no mercado. Consideram relevante a criação de faculdades e também a presença de empreendedores forasteiros. Conclui-se que o perfil individualista dos empreendedores de Itabuna dificulta a cooperação e a ação conjunta em reivindicações com vistas à solução de problemas comuns, bem como a emergência de um empreendedorismo coletivo, que poderia ser reconhecido como resposta mais eficaz à crise da região. Recomenda-se, portanto, a

adoção de uma postura mais proativa desses empreendedores no sentido de se associarem e criarem instituições capazes de representar o interesse coletivo.

Palavras-chave: Crise cacaueteira. Itabuna (BA). Percepção da crise. Empreendedorismo

1 Introdução

A presente pesquisa tem como objetivo verificar percepções de empresários de Itabuna (BA) acerca do significado do empreendedorismo num contexto regional. Trata-se de estudo de caráter exploratório realizado no âmbito de uma região cuja atividade esteve historicamente ligada a atividade cacauífera. Mas que, em decorrência da crise nessa cultura, que começou a se manifestar na década de 1980, vem se deparando com sérios problemas sociais e econômicos.

Essas cidades, que compõem a microrregião cacauífera, gozavam da prosperidade decorrente da produção do cacau. Mas com a crise, que começou a se manifestar na década de 1980, passaram a deparar-se com sérios problemas decorrentes do abandono das propriedades rurais e da migração de suas populações para as áreas urbanas. Assim, cidades como Itabuna vêm-se hoje às voltas com problemas de ocupação desordenada do solo urbano, saneamento básico, perda de qualidade dos serviços públicos e principalmente de desemprego.

Diferentemente de outras crises verificadas no setor, a atual coincide com a crise mais ampla identificada com o processo de globalização. Processo esse que contribuiu para propiciar uma sociedade com economia mais aberta e com maior liberdade para o intercâmbio de bens e idéias. Mas que também incentivou o desenvolvimento de relações econômicas fundamentadas nas exigências dos conglomerados transnacionais, a concentração da capacidade de informação dos detentores do poder, a descaracterização das culturas locais e a retomada da força do liberalismo econômico. Assim, não há como deixar de reconhecer que a crise verificada no Sul da Bahia e em muitas outras localidades da periferia mundial tem muito a ver com a crise maior da globalização. Para a população da região, que ao longo de pouco mais de um século conviveu com a opulência garantida pelo cacau, fica difícil identificar outra causa determinante da crise atual. Requer-se, no entanto, a consideração dos múltiplos fatores que contribuíram para a crise. Tanto fatores exógenos, caracterizados pela globalização e concorrência de outros países produtores da amêndoa quanto endógenos, como as intempéries climáticas, pragas e doenças da lavoura, endividamento dos produtores e dificuldades de organização dos seus atores.

Independentemente da prevalência de qualquer fator na determinação da crise, fica claro que sua solução não poderá depender exclusivamente, da ação governamental. Como a crise cacauífera propriamente dita teve origem numa praga biológica para a qual ainda não foi encontrada uma solução definitiva, as medidas têm sido muito mais de natureza paliativa. Assim, a revitalização da região passa necessariamente pelo desenvolvimento de atividades outras que não as ligadas à produção de cacau.

Nesse contexto, papel importante passa a ser desempenhado pelo empreendedorismo. Homens e mulheres com capacidade para detectar oportunidades e para de forma inovadora dedicar-se à criação, organização de novos negócios é que são convocados para transformar seus conhecimentos e habilidades em novos produtos e serviços. A ação desses empreendedores mostra-se fundamental para promover o crescimento econômico da região, para melhorar as condições de vida de sua população e, sobretudo, para gerar empregos e renda.

2 Problema de pesquisa e objetivo

O quadro apresentado conduz a indagações referentes não apenas à magnitude da crise e às alternativas de solução. Mas também à maneira como esta é percebida pelos empresários locais. Assim, propôs-se a realização da presente pesquisa com atores locais que, em períodos diferentes e com trajetórias igualmente diferentes decidiram empreender no município de Itabuna. Por ter sido realizada num momento crítico para a região, o problema proposto para investigação foi assim definido: Como empreendedores da Região de Itabuna percebem a crise do cacau?

Trata-se, evidentemente, de uma questão bastante ampla, que requer seu tratamento segundo uma perspectiva interpretativista, que possibilite ver as coisas pelo “lado de dentro”, ou seja, fundamentada na percepção dos empreendedores locais acerca da crise cacaueira. Assim, definiu-se como objetivo da presente pesquisa: verificar como empreendedores de Itabuna percebem a gravidade da crise cacaueira, os fatores que a determinaram, as mudanças que se operaram e as alternativas preconizadas para sua solução.

3 Revisão bibliográfica

A condução desta pesquisa requereu fundamentação teórica e conceitual. Assim, apresenta-se a contribuição de autores que tratam das origens e da atualidade da crise cacaueira no Sul da Bahia, bem como de possíveis alternativas à crise. Também se apresenta nesta seção a contribuição de autores que tratam das múltiplas manifestações de empreendedorismo.

3.1 A crise do cacau

Para Nascimento (1994), entre os fatores que motivaram a desordem econômica na região cacaueira estariam: o contexto político-econômico da região, a estrutura do sistema produtivo, contemplando as relações entre os três principais elementos deste sistema que são os produtores, os comerciantes e as indústrias. Além de abordar também, as características do mercado consumidor e as fragilidades desse sistema.

É compreensível que uma região dependente economicamente da monocultura esteja mais vulnerável às agruras da economia do que as dependentes de sistemas múltiplos. Todavia, no caso da cidade de Itabuna e região, dependentes da monocultura cacaueira, a vulnerabilidade econômica estaria relacionada também à estrutura de poder, semelhante à estrutura colonial. Esta estrutura dominou a região e pode ser considerada como a principal responsável pela desordem econômica da região em estudo, pois “a sociedade regional – de base agrária – não se organizou de forma adequada para promover as transformações que alguns conseguiram em outras regiões, também monocultoras” (NASCIMENTO, 1999, p.4).

Nestes termos, a falência da cadeia produtiva teria sido consequência de um sistema de poder limitante, restrito a pequenos e bem organizado grupos, que estavam ligados a empresas multinacionais com interesses exógenos aos da região cacaueira. As fases de processamento do cacau seriam, pois, sustentadas por uma pirâmide de poder internacional, já que os controles dos processos do cacau se concentram nas estruturas de compra, transformação e distribuição do produto e de informação comercial, que estariam restritos a algumas firmas de caráter multinacional (NASCIMENTO, 1994).

A crise da região cacauzeira, também apresenta reflexos de uma conjuntura de fatores ligados à lavoura e ao cenário nacional decorridos na década de 1980. Neste contexto estão à crise estrutural e a falta de liquidez financeira, associados à crise econômica nacional apresentada neste período e, além da crise da instituição de apoio à lavoura cacauzeira que era a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacauzeira - CEPLC. O sistema produtivo cacauzeiro seria, também, altamente influenciada por variáveis ambientais, tanto do mercado externo como de políticas internas e condições climáticas. Entre estas variáveis estariam os preços do produto no mercado externo, disponibilidade de recursos financeiros para investimento na lavoura, variações climáticas, créditos e variações cambiais, pesquisas, extensão rural, curva de produtividade e tratamentos culturais. Dentro das variáveis externa encontra-se também, o aumento da produtividade da lavoura em outros países produtores e com melhor qualidade da amêndoa, influenciando com isso, no estabelecimento dos preços do produto, de acordo com a lei da oferta e da demanda. Estas alterações por sua vez, geravam consequências nos investimentos da lavoura, pois em períodos de queda nos preços os investimentos também caíam, o que motivava um desequilíbrio no ciclo produtivo da amêndoa. (NASCIMENTO, 1994).

3.2 Alternativas à crise

O declínio da rica região cacauzeira causou impactos bastante fortes, e exigiu uma força de reação à altura, de modo a unir os produtores. Uma alternativa de conciliação de forças seria a criação de uma cooperativa de agricultores como de fato ocorreu, mas os seus resultados são questionáveis. Os produtores da região cacauzeira são considerados individualistas, por isso, encontram dificuldades em se organizar e formarem cooperativas consistentes, capazes de enfrentar as dificuldades do setor (NASCIMENTO, 1994).

Estudiosos da região mostram-se críticos em relação à crise que aí se instalou. Para Chiapetti e Kahil (2008), a instalação de modernos sistemas de objetos e sistemas de ações eficazes na região sul da Bahia proporcionaram um incremento da produtividade da atividade cacauzeira e um conseqüente crescimento econômico para a região. Os avanços da cacauicultura foram significativos, posto que a atividade favoreceu a expansão nas áreas de produção agrícola, incorporando novas terras, dinamizou o mercado de trabalho, empregando e diversificando as formas de relação e ocupação do trabalho e proporcionou pesados investimentos em infra-estruturas territoriais, elevando a produtividade e rentabilidade da lavoura cacauzeira. No entanto, essa dinamização e esse crescimento econômico não significaram desenvolvimento para a região. O que conduziu à crise. Para esses autores, a atividade cacauzeira não representou distribuição de renda e nem a emancipação das classes sociais. A burguesia local vantajosamente se aliou ao capital internacional e a classe trabalhadora, expropriada da terra e dos seus direitos, não conseguiu um elo de solidariedade que a levasse à emancipação. A falta de solidariedade entre os próprios produtores, por sua vez, fica evidenciada pela dificuldade na formação e condução de organizações representativas de seus interesses na região, bem como a falta de uma unidade de ação entre as mesmas, ainda mais fragilizadas hoje, diante da força e do poder das grandes empresas de capital internacional, como Cargil, ADM, Barry Callebaut, Duffs e Indeca, que regulam todo o processo produtivo do sistema cacauzeiro no país.

Gasparetto (1998) entende que há na região, como reflexo desse quadro, um problema de ordem cultural, básico, e uma insuficiente e/ou deficiente capacidade técnica e gerencial, uma dimensão cultural mal resolvida. Para este autor, o surto demográfico e econômico

possibilitado pelo cacau não resultou numa economia estável e auto-sustentada, tampouco numa sociedade desenvolvida. Hoje, a região mostra-se descapitalizada, com matriz produtiva frágil e simples e centrada em um único produto. Daí a grande dificuldade de geração de oportunidades de negócios, de emprego e renda.

Martins (2007) defende para a região a prática da pluriatividade, já adotada em países da Europa, onde se verificou a necessidade da multiplicidade de produção para subsistência dos trabalhadores rurais. Nesta prática, os membros de uma família de agricultores que habitam optam pelo exercício de atividades não agrícolas, mesmo mantendo uma estreita ligação com a vida rural. Assim, na região, as famílias de pescadores/catadores poderiam se ocupar no segmento turístico, artesanal e educacional, utilizando matéria-prima do próprio ambiente e transmitindo o conhecimento empírico à população. Desta forma, a população passaria a receber reais benefícios a melhores condições de vida, através do estímulo à capacitação de recursos humanos. Outras opções que contribuiriam para a utilização da mão-de-obra durante o período de defeso estariam ligadas à produção de atividades “agrícolas” no mesmo espaço periurbano adjacentes às áreas de manguezais, tais como a piscicultura, apicultura, a criação de espécies marinhas.

A implementação de uma política de turismo regional também pode ser reconhecida como alternativa para a reestruturação econômica do sul da Bahia. Isto implicaria a necessária interação entre membros da comunidade local, do setor público, privado e terceiro setor em processos de investimento, qualificação e promoção da inclusão social. Sobretudo para alcançar aquelas pessoas que estão ligadas ao artesanato. Seria importante cuidar também para atender àquele novo tipo de turista – o turista consumidor – muito mais exigente em termos de qualidade, responsabilidade sócio-ambiental e capacidade de julgar com maior rigor o que vai consumir em virtude de possuir mais informação, dentre outras características (COSTA, MACEDO, 2009).

3.3 Empreendedorismos

Embora venham sendo apresentadas múltiplas alternativas à crise cacaueira, fica claro que todas passam pelo incremento a novos empreendimentos. Assim, o empreendedorismo pode ser entendido como denominador comum da maioria das propostas. O que exige dos estudiosos do assunto a compreensão da multiplicidade de processos empreendedores.

Uma classificação amplamente difundida das modalidades de empreendedorismo é a que define empreendedorismo por oportunidade e empreendedorismo por necessidade. Trata-se de classificação útil, pois contribui para agrupar os empreendedores em duas categorias levando em consideração a principal razão que os levou a empreender. Tem sido muito utilizada com finalidades analíticas em estudos e pesquisas sobre o processo empreendedor, possibilitando até mesmo o contraste entre regiões no que se refere ao tipo dominante de empreendedorismo. Assim, o *Global Entrepreneurship Monitor - GEM* - indica que o empreendedorismo por necessidade é mais prevalente em regiões cuja população dispõe de mais renda, enquanto o empreendedorismo por oportunidade é mais freqüente em regiões em que as oportunidades de trabalho são menos satisfatórias. O que faz com que o Brasil já tenha razões para comemorar, pois o GEM 2008 indica temos dois empreendedores por oportunidade para cada empreendedor por necessidade.

Outras modalidades de empreendedorismo têm sido identificadas por autores que se dedicam ao tema. Assim, empreendedorismo corporativo ou intra-empreendedorismo vem se tornado um termo cada vez mais constante para identificar aquelas pessoas que transformam idéias ou realidades dentro de uma empresa (PINCHOT; PELLMAN, 2004). Dornelas (2003), por sua vez, estabelece distinção entre empreendedorismo corporativo e empreendedorismo de *start-up*. O primeiro aplica-se a empresas já constituídas, e o segundo empreendedores em potencial e a empresas inovadoras em estágio inicial de desenvolvimento.

SACHS (2003) apresenta outra importante modalidade de empreendedorismo: o empreendedorismo coletivo, ou compartilhado, que pode ser representado por diferentes formas de associativismo, que vão desde esquemas de caução mútua para microcrédito até cooperativas de poupança e crédito, de produção e comércio, associações de poupança e crédito rotativo (SACHS, 2003). Trata-se, portanto de modalidade próxima à do empreendedorismo social, cujo objetivo não é mais o negócio do negócio, mas o "negócio do social" tem o foco de atuação na sociedade civil e na parceria envolvendo comunidade, governo e setor privado (MELO NETO; FROES, 2002).

Esta tendência à qualificação dos empreendedorismos é inevitável, posto que seu campo é vasto e pode ser estudado sob diferentes enfoques. Por isso é que nos relatos de pesquisa sobre empreendedorismo podem ser identificadas modalidades como: 1) empreendedorismo feminino, 2) empreendedorismo indígena, 3) empreendedorismo em comunidades rurais, 4) empreendedorismo em comunidades de pescadores, 5) empreendedorismo de artesãos, 6) empreendedorismo entre homossexuais, 7) empreendedorismo entre afro-descendentes, 8) empreendedorismo entre latino-americanos de segunda geração, 9) pedagogia empreendedora e 10) redes de empreendimentos sociais (BIDART NOVAES; GIL, 2007).

Uma abordagem holística na pesquisa sobre empreendedorismo é necessária porque os fatores associados ao empreendedor, as características da nova empresa e o ambiente geográfico influenciam o processo empreendedor (TAMÁSY, 2006). Daí a importância de se estudar o empreendedorismo sob a perspectiva regional. Para MAZZAROL (2004), o empreendedorismo regional constitui um dos mais importantes incentivos ao desenvolvimento econômico no mundo. E acentua que em seu país, a Austrália, as indústrias regionais correspondem a 36% das empresas nacionais e empregam 31% da força de trabalho. Daí o sugestivo título de um evento realizado em 2009: Empreendedorismo regional como fonte de perpetuação e mudança sob os auspícios de uma rede de cientistas sociais europeus (DIME, 2009).

O empreendedorismo regional, no entanto, envolve múltiplos desafios. Há necessidade de apoio intenso do setor público. Também há os desafios associados a grandes distâncias, acesso a financiamento, qualificação profissional e infra-estrutura de transportes e comunicações (KENIRY *et.al*, 2003, *apud* MAZZAROL, 2004).

4 Metodologia

O presente estudo pode ser definido como um estudo exploratório, já que seu propósito não é o de descrever com precisão as características da população estudada, mas sim proporcionar melhor compreensão do problema bem como a construção de hipóteses.

Para proporcionar a contextualização do problema, procedeu-se a revisão bibliográfica, constituída por relatos de pesquisa referentes à crise do cacau, principalmente em relação a suas causas e alternativas para sua superação.

Com vistas a proporcionar base empírica à investigação, foram coletados depoimentos de empresários estabelecidos na região. Os depoimentos pessoais, embora utilizados em pesquisas sociais, desde a década de 1960, no Brasil, tem sido ainda pouco freqüentes em estudos sobre empreendedorismo, mas que se tornam úteis para a obtenção de informações que refletem a perspectiva dos atores (BIDART-NOVAES, GIL, 2009; SOUZA; GIL; BIDART-NOVAES; OLIVEIRA, 2008).

Esses depoimentos possibilitam captar o que acontece no ponto em que se cruzam a vida individual e o contexto social. Embora os pesquisadores tenham elaborado roteiro temático, os próprios empreendedores é que decidiram o que narrar. Assim, esta estratégia possibilitou aos narradores dar forma e conteúdo às suas narrativas, favorecendo a interpretação de suas próprias experiências e o mundo em que estas são vividas (BECKER, 1994). Sua principal vantagem é, pois, a de possibilitar o estudo do tema empreendedorismo do ponto de vista daqueles que o vivenciam, segundo uma perspectiva interpretativista.

Assim, procedeu-se à realização da presente pesquisa mediante a obtenção de depoimentos de sete empreendedores de Itabuna. Os depoimentos foram obtidos entre os meses de novembro de 2008 e março de 2009. Deu-se preferência à sua obtenção no próprio local em que os empreendedores desempenham suas atividades.

Para a análise dos dados, procedeu-se inicialmente à codificação os dados e ao estabelecimento de categorias. Deu-se preferência à identificação dos códigos pela via empírico-indutiva, procedimento sugerido pelos criadores da *Teoria Fundamentada nos Dados* (GLASER, STRAUSS, 1967), embora não tenha sido o propósito dos pesquisadores a construção de uma teoria. Assim, foram adotados procedimentos para o refinamento progressivo das categorias, o que possibilitou o processo de análise e interpretação dos dados.

5 Análise e Discussão dos dados

5.1 A formação empreendedora

Os empreendedores considerados na presente pesquisa indicam forte influência familiar nas atividades ligadas ao comércio. Esta constatação indica o peso dessa influência na definição das atividades dos empreendedores. De modo geral, o aprendizado profissional dos comerciantes deu-se “em casa”. Tornaram-se comerciantes porque seus pais ou avós também o foram.

Os primeiros contatos com a atividade comercial costumam ocorrer já na infância:

Desde criança, em minhas férias, eu vinha trabalhar aqui na loja. Quando minha mãe e minha avó faziam liquidações eu vinha pra ajudar nas liquidações da loja. Então, desde cedo eu fui acostumado a trabalhar no comércio. Eu fui pra Salvador fazer faculdade... Voltei para Itabuna, e uma das minhas intenções era essa: montar a empresa de informática e dar

continuidade a loja, porque minha mãe também chegou ao ponto que não iria mais dar continuidade; ninguém queria; então eu quero (Comerciante A).

Um importante fator que influencia a disposição para atuar no comércio é a independência. Um advogado, filho de comerciante e que já havia trabalhado em banco, ao ser indagado se montou um escritório próprio para buscar uma coisa nova, informou que não. Seu propósito foi o de obter autonomia:

Porque meu pai foi comerciante, e eu queria ser dono do meu nariz, entendeu? E mostrar que tinha condições de fazer uma coisa melhor do que no banco, porque no banco você é muito tolhido; as normas do banco não deixam você disparar (Advogado B).

O modelo de empreendedor nem sempre é o do pai. Pode ser o do avô, ou mesmo da avó, como indica o comerciante A do ramo de calçados:

Marieta, minha avó, era uma mulher assim, muito moderna, à frente do tempo dela, Uma pessoa de visão muito grande. Inclusive, tinha uma visão maior do que meu avô, do ponto de vista comercial né!... Muito maior do que meu avô. Meu avô tinha outros dons, meu avô era bom vendedor, mas não era bom administrador. Minha avó aliava tudo, era boa vendedora, boa administradora, boa supervisora. Lia muito, viajava, participava das feiras.

Há os que estão em lojas fundadas pelos pais, que já passaram por muitas modificações, como indica o comerciante C, do ramo joalheiro:

A empresa surgiu através da fusão de três amigos, meu pai com mais dois amigos dele, que montaram primeiro a *Chinaglia Jóias*. Aí, através da *Chinaglia Jóias*, que foi fundada a *Revelação Jóias*. Em 1985, foi fundada a *Chinaglia Jóis*; aí a empresa começou a crescer, os sócios se separam, ficou só meu pai. E através de meu pai começou a crescer a *Chinágli*, e fundou a *Revelação Jóias* oito anos depois.

Em alguns casos a definição do tipo de negócio foi feita há muito tempo. Mas também há casos de empreendedores que passaram por várias atividades até definir o seu negócio: O depoimento que se segue é expressivo dessa situação:

Meu pai já era comerciante, Nasci dentro do próprio comércio. Com a vivência comercial desde os meus pais. Sempre me deu conta de que ia ser comerciante mesmo.

[Meu pai]... foi camelô, depois montou loja. Fez de tudo um bocadinho. E eu segui os passos dele (Comerciante D, do ramo de tecidos e artigos esportivos).

Alguns depoimentos expressam muita satisfação com a atividade comercial:

É o que a gente sabe fazer, é o prazer que a gente tem, de chegar aqui e vender uma jóia bonita, uma mercadoria rara, uma pedra de brilhante, é muito gratificante (Comerciante C, joalheiro).

Não perdi aquele prazer do comércio. Eu estou [no comércio] porque eu gosto (Comerciante A).

....daí, a gente trabalhando e sentindo o comércio num todo.... Essa magia que é o comércio, esse negócio de atendimento. A gente foi gostando dessa coisa. E essa dinâmica do comércio foi me atraindo (Comerciante E).

Os comerciantes também conferem muita importância às crenças individuais no processo empreendedor:

Eu acho que primeiro você tem que acreditar. Tudo o que você fizer, se você acredita, vai dar certo. E eu acreditei nisso, e está dando certo. Por mais que chegue empresário e tal... Acho que quanto mais chega, mais gente vem pra atrair e ver o que a gente tá fazendo e acontece com a gente também. (Comerciante E).

5.2 Percepções dos empreendedores sobre a crise

Os depoimentos dos empreendedores possibilitam identificar percepções acerca da crise. Tanto no que se refere à sua origem, quanto às consequências e alternativas de solução. Assim, cabe contrastar esses depoimentos com dados de natureza sócio-econômica referentes aos fatores que contribuíram para a ocorrência da crise.

A crise que se iniciou em nosso país na última década do século XX é basicamente uma crise decorrente do processo de globalização. Que, por sinal, não é apenas nossa, mas de toda a periferia do mundo capitalista. Para muitos comerciantes de Itabuna, no entanto, a crise, é a crise do cacau. Esta crença se mostra mais fácil de adotar, pois já existiram outras crises do cacau, que puderam ser equacionadas graças à ação governamental. Assim, com base na experiência passada seria possível admitir possibilidades de solução. Embora não seja possível justificar esse otimismo, pois as dificuldades atuais são muito maiores que as verificadas no passado.

Talvez seja difícil para as pessoas que moram numa região que teve grandes momentos de glória ligada ao ciclo do cacau, e que mesmo com o declínio dessa atividade continuou dela dependente, considerar outros fatores para explicar a situação com que se deparam.

Alguns entrevistados ignoram o contexto econômico vivido na década de 1980, período acentuado pela falta de liquidez financeira e pela crise economia nacional (NASCIMENTO, 1994). O depoimento de um comerciante do setor expressa bem essa percepção, pois enfatiza o que provocou a crise:

...foi a dependência toda do cacau. O pessoal aqui de Itabuna só sabia plantar cacau e colher cacau; não se dedicou a outras atividades, não diversificou do cacau (Comerciante F).

Mesmo ao procurar datar a crise e a definir sua extensão, o que enfatizam é a crise cacaueira. Só sentem que é mais global porque afetou toda a região e todos os setores da vida econômica:

No final da década de 80, em 89, começou a crise do cacau, e aí também, houve uma queda acentuada das vendas aqui (Comerciante A).

A crise do cacau afetou em geral a região toda. O comércio todo, porém o cacaucultor não estava acostumado, não tinha outro ramo de atividade, era especificamente o cacau (Comerciante C).

Os empreendedores identificam claramente as consequências da crise. E antecipam a ocorrência de sérios problemas urbanos:

A crise, realmente é muito violenta. As dificuldades foram grandes pra gente superar isso. A região com trezentos mil desempregados. A região cacaueira toda. E o comércio sentiu, sentiu

mesmo [...]. Olha! Itabuna cresce desordenadamente. Você pode olhar favela aqui, favela ali. Vai todo mundo pra cidade, pra outros estados (Comerciante e fazendeiro D).

Percebe-se a insatisfação com a migração para a cidade. Daí as críticas à ação governamental no campo social:

O pessoal que não tem qualificação esta inchando a cidade. Inchando e se tornando marginais. Esse povo se transforma em marginais, por que não tem emprego e vivendo da bolsa família e fazendo o voto do nosso presidente, não é não?! E o povo achando que está bom (Comerciante e fazendeiro D).

Nesse contexto, o desemprego, decorrente da transformação produtiva da base agrária (a cultura do cacau emprega mais que a criação de gado) para a base da pecuária, passa a constituir a principal preocupação:

Não dá emprego.... Essa fazenda aqui, antigamente tinha quarenta pessoas aqui. Hoje tem quantos?... Hoje tem três. Tem épocas, estourado, em que a gente coloca mais uns três temporários... A diferença é grande (Comerciante e fazendeiro D).

Além das percepções sobre o desemprego, os empresários se lembram das dificuldades financeiras vividas e as medidas adotadas para enfrentar os momentos difíceis:

Quer dizer, passou uma... Difíceis... Título que protestava, tinha que correr pra pagar! Banco... Tinha que tomar dinheiro emprestado, a empresa na época pra poder pagar... Foi indo até que saiu da crise e tal... (Comerciante E).

Então sempre a gente aplica. Estar no banco, aplicar em algum imóvel, que a gente possa se desfazer num momento de crise, entendeu? Então, estas são as medidas: sempre ter o pé no chão, nunca gastar mais do que ganha, sempre gastar menos do que se ganha, pra sobrar pra estes momentos... (Comerciante A).

Tivemos, tivemos que nos desfazer de alguns bens. Para nos capitalizar, e começar, praticamente do zero. (Comerciante C).

Outra medida adotada para enfrentar o momento da crise por um comerciante de artigos esportivos foi justamente focar num público mais específico. Eles percebem o quanto isso é importante, sobretudo quando consideram a pressão da concorrência:

Não tem ainda! Certo! Depois surgiu um concorrente forte que é a indústria *Penalty*. E tomou uns 40% do meu mercado. Deu trabalho, mas a gente conseguiu, desenvolveu... Fabricar, pra competir, certo! Nós conseguimos... (Comerciante e fazendeiro D).

Além das dificuldades financeiras encontradas pelos empreendedores, percebe-se outra questão considerada como entrave ao processo de reestruturação econômica da região que é a ineficiência dos agentes públicos:

Tem um pouco, [contribuição do poder público para estimular o desenvolvimento local mas poderia ser melhor, poderia estar contribuindo mais (Comerciante e fazendeiro F).

Acho que se houvessem mais investimentos [do Poder Público] nos setores que geram o desenvolvimento, mais assim... Dedicção a estes setores, para que a cidade se desenvolva. (Comerciante e fazendeiro F)

Outro comerciante de tecidos e agricultor enfatiza a ineficiência do Poder Público:

Não. Nem municipal nem estadual. Na nossa região nada. Nem federal. Certo! Nem Federal, não tem feito nada para contribuir. A região, você vê aí... Quem faz com recursos próprios, consegue fazer alguma coisa... Quem não faz... É... Ta sobrevivendo. O abandono da região é violento, pelo estado... Abandonado, sem... E a gente não vê nem uma luz no túnel, a gente não ta vendo. (Comerciante e fazendeiro D).

O poder público não estaria atendendo às demandas locais, como indica o depoimento de joalheiro:

Essa daí, nem se fala. Essa daí ta bem longe da realidade do comércio, não influencia em nada no comércio. A gestão pública é totalmente omissa. (Comerciante C).

Embora seja percebida a inoperância do poder público, os empreendedores têm consciência da sua importância:

Então, o poder público pra mim é a bola principal... (Comerciante A).

O poder público é bem importante neste sentido, porque se não tiver uma cidade limpa, uma cidade com segurança, se não tiver segurança, você não vai atrair consumidor pra cidade... (Comerciante A).

Assim como o Poder Público, as associações de classe são consideradas pouco atuantes:

Eu deixei de participar por que... Porque o CDL hoje tem pra ajudar mais o comércio, seria através do poder público, e ele não está conseguindo. (Comerciante A).

A CDL – Câmara dos Dirigentes Lojistas - é única entidade formal constituída para tratar dos interesses dos comerciantes, mas é vista como pouco atuante:

Eu tenho a idéia de que o CDL deveria participar mais do comércio, agir mais no comércio. Ela age mais em épocas de festas como no dia das mães, dos namorados... Certo! E deveria abranger geral, o comércio todo, e não algumas empresas de grande porte... (comerciante C).

Mas verifica-se também uma postura individualista dos empreendedores. O que dificulta a própria constituição de uma associação para a resolução de problemas comuns. E principalmente o desenvolvimento do empreendedorismo coletivo (SACHS, 2003), que se apresenta como fundamental para enfrentar crises que assumem contornos regionais. Assim, os depoimentos indicam pouca disposição para o associativismo:

Muito pouco! A concorrência aqui é muito grande, a maioria é tudo “na dele”, não é muito de conversa. (comerciante C).

Como demonstra também, um comerciante e agricultor, a desmotivação dos agricultores em se associarem em cooperativas e sindicatos:

Eu acho que “os caras” estão desmotivados, que agora que eles não vão mais [se associarem] porque antigamente se motivava com o dinheiro na mão. Então realmente o quadro é triste... A gente é da associação comercial, mas eu não sou participante ativo. Eu tenho os meus métodos de comércio... (Comerciante e fazendeiro D)

Os depoimentos indicam que há comerciantes que se estabeleceram em Itabuna por perceberem dificuldades em se manterem das atividades rurais e buscam novas fontes de renda no comércio local:

Para sobreviver só da terra não estava mais dando. Então houve esta necessidade de se buscar novas alternativas, que eu achei no comércio.. Foi uns dos fatores a me levar para o comércio, foram justamente os rendimentos da agropecuária que estavam cada vez mais diminuindo (Comerciante e fazendeiro F)

Fica evidente também a percepção acerca da possibilidade de investirem em novos produtos. Que possam ser constituídos por derivados do próprio cacau e pela introdução de novas fontes produtivas:

Você vê que na década de oitenta não existia polpa de cacau, polpa de graviola, polpa de nada disso, não é!...A área do dendê, o café, por exemplo, está existindo com muita força aqui... Já existe (Comerciante E).

Está até surpreendendo, porque cada ano que passa ta chegando mais novidades. Chegou o shopping, o shopping já fez dez anos, já tem ai lojas como o *Bom Preço*, e vai crescendo, o comércio vai se expandindo bem depois da crise. (comerciante C).

Mas reconhecem a importância da preparação prévia para superar a crise. E são capazes de entender o processo educativo proporcionado pela crise. É possível perceber em seus depoimentos, a necessidade de concentrar as atenções no negócio e, que apesar da crise, a região tem oferecido oportunidades de investimentos:

Quem estava organizado conseguiu superar... O comércio de Itabuna teve até uma transformação de empresários. Pode olhar que daquele pessoal ficaram poucos... (Comerciante e fazendeiro D).

A empresa é o principal. Então a gente sempre gasta o mínimo e poupa o máximo para poder atravessar estes momentos de crise. Então a gente sempre tem uma gordurinha pra queimar. Então, a solução para estas crises foi através dessas gordurinhas adquiridas nas épocas gordas. (comerciante A)

A região está sobrevivendo, e está até surpreendendo, porque, a cada ano que passa, estão chegando mais novidades. Chegou o shopping. O shopping já fez dez anos, já tem ai lojas como o *Bom Preço*. E vai crescendo, o comércio vai se expandindo bem depois da crise. (Comerciante A)

Também reconhecem que a superação depende da persistência. Nesse sentido parece ter importância a tradição familiar:

[Deixar o negócio] em nenhum momento. Nem minha avó que passou por duas crises. Com a enchente, um incêndio, nem minha mãe na década de 80, com inflação e com a crise do cacau, também não desistiu e nunca pensou em desistir. Atualmente estamos em crise, a região está em crise, mas a empresa aqui, graças a Deus tem conseguido sobreviver. Então, eu não cheguei ao ponto de me desesperar e pensar em fechar. (comerciante A).

Há os que decidiram empreender após a crise. Neste caso o que os continua motivando é a percepção de que a superação da crise do cacau deve corresponder a uma nova fase, em que a região não se mostre tão dependente do cacau. Dessa forma, os empreendimentos realizados na cidade, ainda que realizados por empreendedores forasteiros, tendem a ser vistos como fonte de incentivo para novos investimentos. É o que se depreende destes depoimentos:

Eu comecei em 2007. Aí a região já estava saindo daquela fase só de cacau, só da dependência do cacau. Já tinham chegado faculdades aqui em Itabuna. O comércio já estava evoluindo

mais, já tinha o shopping aqui em Itabuna. E aí eu achei que era um momento bom para mim, pra entrar no comércio (Comerciante F).

Eu já comecei com o meu comércio na década de noventa, eu comecei em 99, vamos fazer dez anos, agora no ano que vem. Então eu não acompanhei [como comerciante] a crise mais aguda. Quando eu comecei em 99, ela já existia. (comerciante E).

Há empresários que reconhecem já ter passado por momentos mais difíceis:

Título que protestava, tinha que correr pra pagar, Tinha que tomar dinheiro emprestado, para poder pagar... Foi indo até que saiu da crise e tal... Hoje já há uma diferença bem maior. Tudo isso que eu coloquei esse dinamismo, no geral, ele já agregou valores também, já melhorou (comerciante E).

5.3. Percepção acerca das mudanças decorrentes da crise

As mudanças percebidas pelos empreendedores referem-se principalmente às transformações na base rural, ao ingresso de forasteiros, à criação de faculdades. É clara a percepção acerca das mudanças na base rural. A transformação das fazendas de cacau em fazendas de gado é reconhecida como benéfica para a região:

As fazendas viraram agropecuárias e o dinheiro começou a circular mais (comerciante e fazendeiro D).

Você pode ofertar produtos mais baratos, você vai ter como comprar mais, e também vender mais, com menor preço. A região absorve essa quantidade de carne, de leite, absorve tranquilamente, e até exporta. Há até uma necessidade de se exportar. Eu falo em exportar de um estado pra outro. (comerciante F).

Verifica-se na região – assim como em muitas outras e por razões as mais diversas – a vinda de empresários de outras regiões. Esses forasteiros, no entanto, são mais reconhecidos como agentes propulsores do progresso regional que como concorrentes.

Você percebe que tem ocorrido uma “invasão de empresários de fora” Se você vê no setor do comércio, que só tinha empresários tradicionais do comércio como a *Martinelli*, *Marly calçados*, que perderam espaço para outras empresas como a *Silva calçados*. Acho que quanto mais [empresas] chegam mais gente vem pra atrair e ver o que a gente está fazendo. comerciante E).

... Mas eles deixam uma parcela pra região. Eu acho que melhorou. O comércio de Itabuna, principalmente, aumentou. Inclusive a região toda parte pra comprar... Por quê?.. [porque] sempre sobra pra alguém não é? Realmente eles levam um percentual de riqueza pra fora, mas deixam uma parcela (Comerciante D).

Um fator bem reconhecido nesse aspecto é o da contribuição que os empresários de fora trazem para o aprimoramento da mão-de-obra e do próprio empreendedorismo:

O *Mcdonald's* é uma empresa assim, que não tem o jeitinho brasileiro, é tudo padrão, é tudo padronizado. Então, foi onde eu realmente aprendi trabalhar... É uma escola... É realmente uma escola, porque tudo é padronizado (Administradora G).

Há também, a percepção de progresso na cidade, influenciada, sobretudo, pela inserção das faculdades na formação de jovens mais conscientes, e de uma nova demanda de consumo:

Eu vejo Itabuna com bons olhos. Vejo que Itabuna está evoluindo, ta evoluindo cada vez mais. E a tendência é evoluir economicamente. (Comerciante F).

Eu acho que a juventude tem influenciado, com a vinda também dessas faculdades, a necessidade de buscar cada vez mais. A necessidade de lazer, de consumir mais... Isso está voltando à cidade... (Comerciante F).

6 Conclusão

O presente estudo, por ser de natureza exploratória, não possibilitou uma resposta definitiva ao problema. Permitiu, no entanto, a identificação de importantes categorias, bem como a construção de hipóteses capazes de subsidiar investigações mais aprofundadas. Os dados obtidos poderão contribuir também - mediante o cotejo com dados obtidos em outros estudos - para a construção de uma teoria substantiva da crise por que passa a região.

A análise dos dados possibilitou a construção de algumas categorias que se mostraram úteis para a caracterização dos empreendedores da região e que podem ser considerados como elementos para a construção de uma teoria substantiva a respeito da crise cacaujeira. Estas categorias são: 1) características dos empreendedores circunstanciadas por sua história de vida; 2) a percepção que estes tem acerca das origens e das dimensões da crise; e 3) perspectivas acerca da transformação das condições locais.

Constatou-se que o perfil empreendedor dos atores locais é influenciado decisivamente pela família. O contato com o meio comercial desde a infância foi decisivo para empreender e principalmente para se manter no negócio após o advento da crise. O que contribui em boa parte para a satisfação manifestada com as atividades desenvolvidas e para a manutenção da crença no resultado de seu trabalho.

Os empreendedores percebem a gravidade da crise e tendem a associá-la quase que exclusivamente à monocultura agrícola. Também associam à crise, o desemprego crescente, o êxodo para a cidade, a deterioração dos serviços urbanos e o aumento da criminalidade. Os empreendedores percebem, ainda, como decorrência da crise, a necessidade de captar recursos financeiros em instituições bancárias e se desfazer de bens pessoais para cobrir dívidas e pagar títulos protestados em meio às dificuldades de acesso ao crédito.

Os empreendedores também indicam a importância da adoção de medidas como focar em um determinado tipo de cliente pertencente a nichos específicos de mercado. Mas reconhecem que nem todos os empresários tradicionais teriam as mesmas habilidades administrativas e que por isso mesmo teriam sucumbido à crise, cedendo espaço a novos empreendedores forasteiros. Reconhecem como entrave à retomada econômica o descrédito do poder público e das instituições classistas, bem como o perfil individualista dos empreendedores locais.

Os empreendedores percebem a passagem da base agrícola da monocultura do cacau para a pecuária e a vêem como fator determinante na alteração das relações de emprego e até mesmo da condição física das fazendas, com a derrubada das plantações e da mata atlântica local. Percebem também as transformações no contexto urbano, como novos investimentos de empreendedores forasteiros e a necessidade de inovação dos empresários locais em vista de se manterem competitivos no mercado. Consideram relevante a criação de faculdades e também a presença de empreendedores forasteiros. As transformações por que passa a região

apresentam-se aos empreendedores locais como perspectiva de melhoras na economia itabunense.

Cabe considerar, no entanto, que à medida que os empresários atribuem a responsabilidade da crise exclusivamente à lavoura cacauêira tendem a desprezar o contexto econômico nacional da década de 1980 e principalmente as alterações na economia internacional decorrentes do processo de globalização.

Muitos empreendedores de fato adotaram medidas capazes de driblar a crise até o momento. Constata-se, no entanto, que o planejamento estratégico de forma estruturada não faz parte da gestão desses empreendedores. Prova disso é a percepção de que muitos dos empresários tradicionais não resistiram ao período de turbulência e cederam espaço a novos empreendedores, detentores de tecnologias de gestão mais eficientes. Percebe-se neste momento, uma postura reativa dos empresários locais, que passaram a admitir a retomada dos investimentos de forma significativa após a concorrência dos empreendedores forasteiros. Cabe considerar, também, seu descrédito em relação ao poder público e às instituições classistas. E também o perfil individualista desses empresários. O que acaba por dificultar sua cooperação e ação conjunta em reivindicações com vistas à solução de problemas comuns e principalmente a emergência de um empreendedorismo coletivo, que poderia ser considerado como um dos principais antídotos à crise regional.

Tendo em vista a percepção da falta de planejamento estratégico empresarial, da inoperância do poder público local e do perfil individualista dos empreendedores locais, sugere-se a adoção de uma postura mais proativa desses empreendedores no sentido de se associarem e criarem instituições capazes de representar o interesse coletivo. Que estes reivindiquem mais ativamente junto aos agentes públicos, com vistas não apenas a garantir apoio de natureza infra-estrutural, mas também para promover sua capacitação empresarial. Capacitação esta que passa por ações educacionais capazes de promover uma cultura empreendedora que dê condições aos empresários/empreendedores de adotarem melhores práticas na gestão administrativa e que possibilite melhor enfrentar outras crises econômicas decorrentes da ciranda capitalista.

Referências

- COSTA, Aline de Caldas; MACEDO, Janete Ruiz de. Memória e identidade Grapiúna: focos sobre artesanato, turismo e sustentabilidade. CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, v., n. 2, abr. 2009. Disponível em: http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao5/artigo_4.pdf. Acesso em: 3 jun. 2009.
- GASPARETTO, Agenor. *Perspectivas da região cacauêira numa economia globalizada*. Revista da UESC Especiaria. v. 1, n. 1, jan./jun. 1998. Ilhéus - Editus, 1998.
- GLASER, Barnes. G; STRAUSS, Anselm. L. *The discovery of grounded theory*. New York: Aldine, 1967.
- CHIAPETTI, J. & KAHIL, S. P. *Dinâmica do território: crescimento econômico x desenvolvimento*. In: SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1. Rio Claro, 2008. Anais... Disponível em: www.rc.unesp.br/igce/simpgeo/autores.htm. Acesso em: 2 jun. 2009.

MARTINS, Patrick Thomaz de Aquino. A pluriatividade como subsídio à conservação dos manguezais do município de Ilhéus, Bahia. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, v.5, n. 2, p. 131-136, 2007. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/estgeo>. Acesso em: 2 jun. 2009.

DYNAMICS OF INSTITUTIONS AND MARKETS IN EUROPE –DIME. Regional entrepreneurship as source of perpetuation and change. 2009. Disponível em: <http://www.dime-eu.org/regional-entrepreneurship>. Acesso em: 4 jun. 2009.

KENIRY, J.; BLUMS, A.; NOTTER, E.; RADFORD, E.; THOMSON, S. *Regional business: a plan for action*. Canberra: Commonwealth of Australia, 2003.

TAMÁSY, Christine. Determinants of regional entrepreneurship dynamics in contemporary Germany: A conceptual and empirical analysis. *Regional Studies*, v. 40, n. 4, abril 2006, p. 365 – 384.

MAZZAROL, TIM. Regional entrepreneurship: developing a holistic framework for stimulating regional enterprise – a role for local government? In: *Local government week conference business growth: the key to economic development in your region*, 2004. Disponível em: [www.swaccwa.org.au/content/documents/Library/Downloads/Regional Entrepreneurship.pdf](http://www.swaccwa.org.au/content/documents/Library/Downloads/Regional_Entrepreneurship.pdf). Acesso em: 4 jun.2009.

BIDART NOVAES, MARCOS; GIL, Antonio Carlos. A pesquisa participativa como estratégia metodológica na pesquisa do empreendedorismo nos cursos de graduação e pós-graduação de administração. In: I EnEPQ, 2007, Recife. Anais do I EnEPq Recife 2007, 2007.

MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, Cesar. *Empreendedorismo social*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

SACHS, Ignacy. *Inclusão social pelo trabalho: desenvolvimento humano, trabalho decente e o futuro dos empreendedores de pequeno porte*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

PINCHOT, Gifford; PELLMAN, Ron. *Intra-empreendedorismo na prática: um guia de inovação nos negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DORNELAS, José Carlos Assis. *Empreendedorismo Corporativo*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

NASCIMENTO, Fernando R. *A crise da lavoura cacaueteira: sua natureza e soluções*. Instituto de Pesquisa econômica aplicada – IPEA, Brasília – IPEA 1994.